

**PSICOTERAPIA COMO CLÍNICA PSICOLÓGICA:  
UM CAMPO EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO**  
**Luiz Eduardo V. Berni**

## **Introdução**

Quando falamos em Clínica Psicológica é bastante comum que se estabeleça uma relação direta com a Psicoterapia, tanto que, no Caderno de Deliberações do VIII CNP essa associação é explícita:

“2.19 - *Psicologias clínica/psicoterapia*

Ampliar a discussão sobre teoria e prática em Psicologia Clínica, considerando as epistemologias não hegemônicas e as práticas emergentes. Retomar as discussões do Ano da Psicoterapia (2009) e expandir o diálogo com a categoria.” (BRASIL, 2013, pág. 39)

Assim, é à luz da Psicoterapia que passarei a tecer considerações sobre a construção dessa dimensão da Clínica Psicológica, embora se saiba que esta não se reduza à Psicoterapia.

Nesta apresentação abordarei o tema buscando inicialmente fazer uma leitura comparada de autores procurando por uma definição de psicoterapia; depois a situação brasileira no que diz respeito à regulamentação/normatização, onde igualmente iremos buscar por uma definição. Na sequência fazemos um breve recorte histórico a fim de entendermos o campo das psicoterapias para, por fim, analisar o campo, os profissionais e as competências nele envolvidas, buscando algumas conclusões.

## **1. DEFINIÇÃO**

Definir psicoterapia constitui uma missão carregada de muitos desafios, que transitam de suas características essenciais à sua função.

No Dicionário Michaelis, por exemplo, encontramos um significado referente à sua aplicação no campo médico: “um *tratamento* por métodos psicológicos” por meio de um *conjunto de técnicas* que visam tratar “moléstias mentais por persuasão, sugestão, psicanálise, atividades lúdicas ou de trabalho”. No Dicionário Técnico de Psicologia (CABRAL, NICK, 1982) encontramos um significado referente à “aplicação de técnicas especializadas ao tratamento de distúrbios mentais ou aos problemas de ajustamento cotidiano”. Já no Dicionário de Psicologia Prática (Lima, s.d.) encontramos

que pode ser definida como “o tratamento dos problemas e transtornos psíquicos do indivíduo por meios psicológicos. O tipo de psicoterapia deve variar segundo a natureza dos problemas do enfermo, o diagnóstico, a idade, maturidade, situação familiar e social. Existem três formas gerais psicoterapia individual, coletiva (ou de grupos) e institucional (realizada em casas de saúde, ou outras instituições que costumam ter internos”.

Para Warren (1991) trata-se de “tratamento de transtornos por métodos psicológicos”. No Glossário da obra de Davidoff (2000) encontramos a seguinte definição: “vários *procedimentos* de tratamento psicológicos (em oposição aos biológicos) destinados a ajudar as pessoas perturbadas a resolver seus problemas pessoais”.

Davidoff agrega a esses significados várias definições próprias de diferentes abordagens. Por exemplo, para a Abordagem Centrada na Pessoa, psicoterapia é um *processo* que visa a restauração do autoconceito renovando os processos de crescimento. Para a Abordagem Gestáltica, psicoterapia visa restaurar os processos inerentes de crescimento. Para a Abordagem Psicanalítica, visa a um ajustamento mais construtivo por meio da introvisão dos conflitos inconscientes.

Nye (2002) também apresenta algumas definições fundamentadas nas diversas abordagens. Por exemplo, para a Abordagem Cognitiva a psicoterapia possibilita “mudar os processos de pensamento irracional”; enquanto para a Abordagem Comportamental a “análise do comportamento” tem por foco “no achar e manipular as condições que produzem e mantêm um comportamento problemático e alterá-las.”

TABELA 1. DEFINIÇÕES DE PSICOTERAPIA “A”

FONTE	CARACTERÍSTICA	FUNÇÃO
DICIONÁRIOS		
Michaelis	Conjunto de técnicas/métodos	Tratamento (moléstias)
Cabral e Nick	Técnicas Especializadas	Tratamento (distúrbios mentais e ajustamento)
Warren	Métodos Psicológicos	Tratamento de transtornos
Lima	Meios psicológicos	Tratamento de transtornos
DAVIDOFF	Procedimentos	ajudar as pessoas perturbadas a resolver seus problemas pessoais
“Gestalt”	Processo	Restaurar capacidades inerentes ao crescimento
“Psicanálise”	Analisar sonhos, associações livres,	Explorar a vida mental – possibilitar introvisão de conflitos
“ACP”	Relacionamento entre terapeuta e cliente	Restaurar o autoconceito e renovar o processo de crescimento
NYE		
“Cognitiva”		Mudar os processos de pensamento irracional
“Comportamental”		Achar e manipular as condições que produzem e mantém um comportamento problemático e alterá-las

## 2. REGULAMENTAÇÃO/NORMATIZAÇÃO

Quando o Estado regulamenta uma profissão, reconhece a relevância daquele saber veiculado para o bem-estar social, esse é o caso da Psicologia e da Medicina.

A Psicoterapia é considerada uma *Área Clássica da Psicologia*, um domínio consolidado de atuação profissional, sendo parte integrante da identidade do psicólogo, pertencendo igualmente ao imaginário popular. Ninguém discorda disso, todavia essa explicitação não consta do rol das funções privativas do psicólogo, conforme a Lei 4.119, de 1962, constando apenas como *competência adicional* da formação, nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o Curso de Formação em Psicologia, em 2004, reafirmado em 2011, com a revisão do documento. Como *prática psicológica* sua normatização se dá somente em 2000, pela Resolução CFP 10/2000, por se constituir

“técnica e conceitualmente, um *processo científico* de compreensão, análise e intervenção que se realiza através da aplicação sistematizada e controlada de métodos e técnicas psicológicas reconhecidas pela ciência, pela prática e pela ética profissional.” (BRASIL, 2000)

No Catálogo Brasileiro de Ocupações (CBO), do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), encontra-se a seguinte definição para psicoterapeuta:

“Estudam, pesquisam e avaliam o desenvolvimento emocional e os processos mentais e sociais de indivíduos, grupos e instituições, com a finalidade de análise, tratamento, orientação e educação; diagnosticam e avaliam distúrbios emocionais e mentais e de adaptação social, elucidando conflitos e questões e acompanhando o(s) paciente(s) durante o processo de tratamento ou cura; investigam os fatores inconscientes do comportamento individual e grupal, tornando-os conscientes; desenvolvem pesquisas experimentais, teóricas e clínicas e coordenam equipes e atividades de área e afins.” (CBO.2.4.4, BRASIL, MTE)

Enquanto os Psicólogos Clínicos são “Psicoterapeutas, Psicólogos da Saúde, Terapeuta”. (BRASIL, s.d.).

Em âmbito geral, a Resolução Normativa 167/2007 da ANS (Agência Nacional de Saúde), que apresenta regulamentação para a Lei 9.656/98, em seu Artigo 14, alínea IV, reconhece que tanto o médico, quando devidamente habilitado, quanto o psicólogo podem atuar como psicoterapeutas.

Para os médicos a Psicoterapia é autorizada pela Resolução CFM 1634/2002 como “área da psiquiatria”.

**TABELA 2. DEFINIÇÕES DE PSICOTERAPIA “B”**

<b>FONTE</b>	<b>CARACTERÍSTICA</b>	<b>FUNÇÃO</b>
DCN	Competência Adicional	
Resolução CFP 10/2000	Processo científico técnico-conceitual; Métodos e Técnicas psicológicas reconhecidas pela ciência, ética e profissão.	Compreender, analisar e intervir
CBO	Processo de tratamento ou cura	a) Estudar, pesquisar e avaliar o desenvolvimento emocional, processos mentais e sociais de indivíduos, grupos e instituições; b) Investigar fatores inconscientes, tornando-os conscientes; c) Pesquisar experimental, teórica e clinicamente.
Resolução CFM 1634/2002	Área da Psiquiatria	

### 3. HISTÓRICO

Primeiramente é preciso compreender que “o campo das psicoterapias aponta para um conjunto complexo de modos de compreensão e de atuação, para um campo onde coexistem elementos das mais diversas áreas do saber e, para um repertório que transcende profissões. (HOLANDA, 2015, pág. 7)”, portanto campo amplo do fazer profissional.

Martins e Zanello (2012) afirmam a psicoterapia tem um caminho próprio e vem de tempos imemoriais “a psicoterapia (terapia do espírito) se liga na citação e Avicena à ideia de que a palavra tem efeito terapêutico. (MARTINS e ZANELLO, 2012, pág. 158)”. Trata-se, pois, de um campo compartilhado com outras profissões, regulamentadas ou não, herdando elementos que reportam a outros saberes.

“As psicoterapias possuem um caráter sapiencial que as aproxima dos antigos exercícios espirituais e sua riqueza consiste não só em resistir ao avanço da administração da vida, mas em preservar o lugar antes ocupado pela sabedoria antiga.” (DRAWIN, 2009, pág.29)

Roudinesco (2005) ao analisar a regulamentação do campo na França, desde o “confisco do Estado à Religião, pela gestão da Saúde Pública”, contextualiza a disputa que se dá entre as profissões cientificamente embasadas e outras cujos saberes repousam

em outros tipos de racionalidade<sup>1</sup>, que não a científica. Evidentemente nessa disputa a racionalidade científica é tomada como sendo superior às demais sem, entretanto, conseguir dominá-las.

“Durante dois séculos, todas as políticas ditas de saúde pública permitiram à medicina científica afirmar sua superioridade sobre todas as outras terapêuticas – mágicas, culturais, esotéricas – sem nunca conseguir erradicá-las.” (ROUDINESCO, 2005, I, pág.47).

Neste sentido a autora, aponta ainda que a OMS inclui em sua lista de “medicinas paralelas diversos métodos clássicos de psicoterapia individual e grupal (hipnose, gellat-terapia, psicodrama).” (ROUDINESCO, 2005, II, pág.3)

“desde a criação, em 1872, do termo psicoterapia pelo médico inglês Daniel Hack Tuke, e depois sua popularização na França por Hyppolyte Bernheim, esse método de tratamento das doenças ditas psíquicas teve grande expansão no mundo ocidental, mais particularmente nos Estados Unidos, a ponto de agora ser impossível defini-la como uma disciplina singular provida de fundamento sistematizado. Mais que recorrer ao termo psicoterapia, portanto, hoje é preferível falar das psicoterapias.” (ROUDINESCO, 2005, II, pág. 1)

Neste histórico parece interessante afirmarmos que

“a psicologia não surgiu como um campo de aplicação de saberes, mas como prática de produção de saberes, de acordo com um método específico, o método científico de base experimental. A psicologia profissional (onde se situa a psicoterapia), que não deve ser confundida com as ideias psicológicas do século XIX, não se originou da psicologia europeia, mas deste esforço, em território estadunidense, de isolar e compreender cientificamente o psicológico como um campo próprio, separado da biologia, da filosofia e da medicina.” (NICARETA, 2012, pág. 106 – parênteses nossos).

#### **4. O CAMPO, OS PROFISSIONAIS E AS COMPETÊNCIAS**

Assim, creio que seja possível falar de um movimento, um esforço acadêmico para emancipação do campo com a prevalência do enfoque acadêmico. Neste sentido foi grande a importância de Freud que

---

<sup>1</sup> A autora introduz a noção de charlatão como aquele que realiza uma prática “não oficial”, marginal àquela instituída.

“trabalhou a diferença de abordagem e ensinou que um método de tratamento pressupõe uma teoria que o sustente, que o procedimentos estejam em consonância com essa teoria e afirmou a necessidade treinamento para quem aplica o método, que supõe a supervisão. Esse conjunto é chamado de formação”. (CONTE, 2012, pág. 144)

Ao refletir sobre o status epistemológico da Psicologia, Figueiredo (2000) classifica suas principais matrizes em dois ramos as Matrizes Científicas, inspiradas nas “ciências naturais” onde se encaixam abordagens de enfoque quantitativas, mecanicistas e funcionalistas, “em que a especificidade do objeto (a vida subjetiva e a singularidade do indivíduo) tende a ser desconhecida” (pág. 26), e Matrizes Românticas e Pós-Românticas, onde “se reconhece e sublinha a especificidade do objeto – atos e vivências de um sujeito, dotados de valor e significado para ele.” (pág. 27). Portanto, são essas matrizes que a Psicologia científica procura defender como sendo legítima ao campo.

Assim as psicoterapias que habitam esse campo podem ser breves e/ou longas, sendo que os critérios que definem sua temporalidade (duração/frequência) igualmente variaram.

Há, também, dificuldade em se definir a diferença entre os tipos de terapia que povoam esse campo a Psicoterapia, o Aconselhamento, a Orientação Psicológica e a novidade do momento, o *Coaching*. Não restando dúvida, todavia, que todos sejam processos terapêuticos.

Para a Psicologia a Psicoterapia é fundamentalmente um campo. Como se viu trata-se de um campo compartilhado, portanto é bastante comum serem confundidos como semelhantes os profissionais que habitam esse lugar do fazer profissional: o terapeuta, o psicoterapeuta, o psicanalista, o psiquiatra, o psicólogo. Ou seja, profissionais com formação acadêmica, como o psicólogo e o médico, com outros com formações “culturais e/ou religiosas” (ROUDINESCO, 2005, II, pág. 16)

Os psicólogos-psicoterapeutas sentem-se muito frustrados com essa situação, muitas vezes percebida só após a graduação, e, não raro, clamam pela exclusividade do campo culpabilizando o Sistema Conselhos de Psicologia por essa situação de indefinição, pois não se sentem corporativamente defendidos por seu órgão de classe. Para avaliarmos a importância dessas dimensões analisemos o seguinte caso: Recentemente o campo foi atacado por uma empresa de Táxi que, em infeliz publicidade afirmou: “*O Psicólogo está caro? Converse com um taxista*”. Isso gerou uma onda de protestos de psicólogos para o CRPSP exigindo um posicionamento da

entidade, que, felizmente, rapidamente se posicionou via *Facebook* por meio de Nota, destacando inicialmente que “a publicidade em questão fazia chacota, centrando no custo, que existe em qualquer ação profissional, inclusive na de taxista, uma das ferramentas mais relevantes da Psicologia – a Escuta Qualificada – colocando-a no mesmo nível de uma conversa de botequim<sup>2</sup>. Essa manifestação do conselho gerou em questão de minutos mais de um milhão de curtidas na página do Facebook, tendo um alcance de cerca de 36.000 pessoas num brevíssimo período de tempo, muito maior do que a maioria das publicações da página.

A qualificação de uma escuta pode ocorrer em diferentes situações e contextos, e se dá sob diferentes óticas. A escuta religiosa, por exemplo, se dá à luz da doutrina da fé. A escuta fraternal (maternal ou paternal) e dá à luz do afeto, da simpatia. Já escuta profissional se dá à luz da empatia, a partir de um olhar em que está implícita uma concepção teórica.

“Quando o cliente está vivenciando a segurança e o calor da relação terapêutica, quando sente que está sendo estimado e empaticamente entendido pelo terapeuta, então existem as condições para que os momentos cruciais da terapia ocorram.” (ROGERS, C.R., 1987, pág.18)

“Fazer psicoterapia é trabalhar com intimidades. E ser terapeuta é busca em si o desprendimento para se fazer testemunha solitária do que de mais íntimo as pessoas trazem consigo. E desta forma catalisar o encontro e a autenticação do si mesmo que existe em cada ser. Autenticidade existente e constituída em ser si mesmo. E no entanto dependente da alteridade. Porque social. Porque revelado a si mesmo pelo testemunho solidário. (BARROS, PORCHAT, 2006, pág. 10)

“Um chega com palavras que demandam um desejo de ser compreendido em sua dor, o outro escuta as palavras por ver nestas as vias de acesso ao desconhecido que habita o paciente.” (MACEDO, FALCÃO, 2005, pág. 65)

Todavia, como a escuta é algo compartilhado – não exclusivo – do campo da psicoterapia acadêmica, embora o nível de qualificação, como se apontou, seja muito distinto, leva os psicoterapeutas-psicólogos a questionarem seu próprio saber, ou mesmo, como foi o caso da 99Taxis, desqualificar a escuta psicológica ao compará-la com a escuta de um leigo (charlatão).

---

<sup>2</sup> Esse foi o conteúdo de um trecho da primeira nota publicada, a nota foi posteriormente aprimorada com citações específicas da legislação etc. O autor foi o redator da primeira nota.



Mas, a *Escuta Clínica*<sup>3</sup> talvez seja o cerne, a competência central, das matrizes epistêmicas que fundamentam abordagens, ou linhas teóricas, que, por sua vez, habitam esse campo de atuação profissional, no que concerne à Psicologia.

Mesmo em abordagens mais centradas em práticas corporais, por exemplo, a Escuta Clínica é fundamental, sem a qual o terapeuta não sabe que recurso utilizar para ajudar o paciente.

Evidentemente tais recursos e a própria forma de escuta irão variar a partir de um enfoque epistêmico (matriz), que o contém, de forma implícita ou explícita, uma visão de Ser Humano, que, por sua vez, irá impactar na estrutura teórico-metodológica da abordagem.

Essa complexidade (confusão) do campo, talvez imponha o silêncio (isolamento/alienação?) em que vive a categoria que, não se expondo, não expõe a fragilidade da dúvida. (Neubem, 2012, pág. 15)

Figueiredo (1996) afirma que a identidade clínica do psicólogo se fundamenta em modos de subjetivação impostos à sociedade contemporânea, que remontam ao século XIX, segundo os eixos liberal, romântico e disciplinar. Neste sentido, o que define o lugar clínico do psicólogo é a sua ética, comprometida com a *escuta* daquilo que está interdito e com a sustentação que se possa oferecer para a lida com as tensões e conflitos.

## CONCLUSÃO

Analisando esse conjunto de demarcações pode-se observar que as diferentes definições sugerem que a Psicoterapia é um “Tratamento para correção, restauração ou ajustamento ou desenvolvimento”. Elementos que “reparam” algo que foi perdido – a Saúde - ou levam a pessoa, grupo ou instituição ao crescimento. Sua principal competência, entendendo-se por competência a capacidade de mobilizar conteúdos, habilidades e atitudes é a escuta. Enquanto campo, é compartilhado historicamente por diferentes saberes e atores. Do ponto de vista acadêmica, a Psicologia procura compreender esse campo sob grande influência da abordagem freudiana, portanto buscaram-se as teorias, metodologias e procedimentos que são ensinados aos

---

<sup>3</sup> Termo cunhado por Freud

psicoterapeutas que, por sua vez devem trabalhar a si mesmos, estudar e submeter-se a supervisão que possam qualificar suas práticas.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, P. PORCHAT, I. Ser Terapeuta: Depoimentos. 5ª ed. SP: Summus, 2006.
- BRASIL, Conselho Federal de Psicologia (CFP) – *VII Congresso Nacional da Psicologia, Caderno de Deliberações*. Brasília: CFP, 2013. Disponível em <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/08/MinutaCadernodelibera%C3%A7oes14.08.pdf> acessado em 13/07/2013.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação – Diretrizes Curriculares Nacionais para Cursos de Graduação em Psicologia. Brasília: MEC, 2004. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1314.pdf> acessada em 13/07/2015.
- \_\_\_\_\_. Conselho Federal de Medicina – Resolução 1634/2002. Brasília: CFM, 2002. Disponível em [http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2002/1634\\_2002.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2002/1634_2002.htm) acessado em 13/07/2015.
- \_\_\_\_\_. Conselho Federal de Psicologia – Resolução 10 de 20/12/2000. Brasília: CFP, 2000.
- \_\_\_\_\_. Palácio do Planalto - Lei 4.119 “Dispõe sobre os cursos de formação de psicólogo e regulamenta a profissão de psicólogo” Brasília: Planalto, 1962. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1950-1969/L4119.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119.htm) acessado em 13/07/1962.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego – Classificação Brasileira de Ocupações, Brasília: MTE, s.d. Disponível em [http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr\\_prof\\_psicologo\\_cbo.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo_cbo.pdf) Acessado em 13/07/2015.
- DAVIDOFF, L. *Introdução à Psicologia*, 3ª ed. São Paulo: Makron, 2000.
- DRAWIN, C. R. “Psicoterapias: elementos para uma reflexão filosófica” In CFP, *Ano da Psicoterapia – Textos Geradores*. Brasília: CFP, 2009.
- FIGUEIREDO, L.C. *Matrizes do Pensamento Psicológico*, 8ª, ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Revisitando as Psicologias: Da Epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos*, 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CONTE, B.S. “Psicoterapia: O Percurso Histórico nos Desafios por uma Formação sem Regulamentação” In HOLANDA, A.F. (org.) *O Campo das Psicoterapias: Reflexões Atuais*. Curitiba: Juruá, 2012.

HOLANDA, A.F. “Apresentação”. *O Campo das Psicoterapias: Reflexões Atuais*. Curitiba: Juruá, 2012.

LIMA, L.P. (org.) *Dicionário de Psicologia Prática*. Honor, s.d.

NEUBERN, M.S. “Ensaio sobre a Cegueira de Édipo: Sobre Psicoterapia, Política e Conhecimento” In HOLANDA, A.F. *O Campo das Psicoterapias: Reflexões Atuais*. Curitiba: Juruá, 2012.

NICARETA, M.M. “Desnaturalizando o fim social da Psicologia Clínica” In HOLANDA, A.F. *O Campo das Psicoterapias: Reflexões Atuais*. Curitiba: Juruá, 2012.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; FALCAO, Carolina Neumann de Barros. “A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta”. *Psychê*, São Paulo, v. 9, n. 15, jun. 2005. Disponível em

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382005000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006&lng=pt&nrm=iso). acessado em 14/07/ 2015.

MARTINS, F. e ZANELO, V. “Psicoterapias: Varolização e Avaliação” In HOLANDA, A.F. *O Campo das Psicoterapias: Reflexões Atuais*. Curitiba: Juruá, 2012.

CABRAL, A. e NICK, E. *Dicionário Técnico de Psicologia*. SP: Cultrix, 1979.

NYE, Robert D. “Três Psicologias”. São Paulo: Pioneira, 2002.

ROGERS, C. R. “A Essência da Psicoterapia: momentos e movimento” IN SANTOS, A.M.; ROGERS, C.; BOWEN, M.C. *Quando fala o Coração: a Essência da Psicoterapia Centra na Pessoa*. P.A.: Artes Médicas, 1987.

ROUDINESCO, E. *O Paciente, o Terapeuta e o Estado*. RJ: J. Zahar, 2005. (ebook).

WARREN, H.C. *Dicionário de Psicologia*. México (DF): Fondo de Cultura Economica, 1991.